

AS MULHERES RESISTEM!



DESAFIOS PARA O FEMINISMO EM TEMPOS DE OFENSIVA CONSERVADORA



Elaine Campos

O conservadorismo que ataca os corpos, os desejos e a vida das mulheres é um dos aliados mais estratégicos do capitalismo neoliberal.

Há pouco mais de 10 anos, a larga luta dos povos contra a ALCA e o livre comércio confrontou o neoliberalismo, e isso foi fundamental para os avanços na conquista de direitos e para as melhorias nas condições de vida da população. Houve um processo de retomada do papel do Estado na orientação da economia em diversos países, e com isso também se deram disputas sobre os sentidos públicos do Estado. Foram colocados em marcha processos de integração regional e de busca de soberania da América Latina.

Na Marcha Mundial das Mulheres, atuamos reconhecendo os avanços nos países governados por projetos progressistas e transformadores, mas também denunciávamos as contradições e muitas vezes os retrocessos que vivemos. Por exemplo, a dificuldade de enfrentar o conservadorismo e avançar na legalização do aborto, ou a conciliação com os interesses de empresas transnacionais do extrativismo e do agronegócio.

Hoje nós mulheres resistimos, nas ruas, à ofensiva conservadora que ganha força na maioria dos nossos países. Diferente dos anos 1990, o neoliberalismo não tem hegemonia e precisa atacar a democracia para implementar a sua agenda. Isso ficou evidente no Brasil. O golpe colocou em marcha uma agenda de privatizações, de retomada de negociações de livre comércio, de criminalização da pobreza e dos movimentos sociais e de mais ajustes que desmontam a garantia de direitos e os serviços públicos. Enfrentamos essa nova ofensiva conservadora desde outro patamar de lutas, resistências e de forças organizadas.

Nos anos 2000, mudar o mundo e mudar a vida das mulheres, em um só movimento, foi a visão que orientou nossos posicionamentos e mobilizações. As mulheres colocaram o feminismo no centro das lutas contra o neoliberalismo e o livre comércio: se posicionaram no debate econômico e impulsionaram uma luta articulada contra a mercantilização do corpo e da vida das mulheres. Essa luta se baseou na auto-organização,

na retomada da mobilização das ruas, em práticas feministas de ocupação de espaços públicos e nas alianças com outros movimentos sociais.

Toda a luta contra a ALCA, o neoliberalismo e o livre comércio impulsionou a construção de uma força comum, auto-organizada, articulada desde o âmbito local, passando pelo regional e internacional. Essa é uma marca da recomposição de um campo feminista e anticapitalista que segue em ampliação.

Somos feministas, camponesas, sindicalistas, negras, estudantes, lésbicas e diversas mulheres que enfrentamos todos os dias a violência e a dominação do capitalismo patriarcal e racista.

AS BASES DA NOSSA RESISTÊNCIA

Muito da nossa luta de hoje tem a ver com o enfrentamento ao neoliberalismo, com o que aprendemos e construímos juntas, teórica e politicamente. Alguns acúmulos políticos que formam a base da nossa resistência hoje são:

■ A economia é muito mais do que o comércio, do que o mercado e os números que demonstram o crescimento ou a crise do sistema. A economia combina os processos e relações que garantem a reprodução e a produção. Uma estratégia do capitalismo patriarcal é ocultar os vínculos entre estes processos, e desconsiderar todo o trabalho – remunerado ou não – que garante a sustentabilidade da vida.

■ Não basta uma visão de que as mulheres são apenas impactadas de forma diferente pelo capitalismo. As mulheres são consideradas

disponíveis aos homens e ao sistema, pelo controle do seu corpo e de seu trabalho. A vida de todas as pessoas só é sustentada com a sobrecarga do trabalho não remunerado que as mulheres realizam todos os dias. O trabalho doméstico e de cuidados continua sendo usado como variável de ajuste nesse modelo.

■ A expansão do capital sobre os territórios expressa que capitalismo, racismo e patriarcado formam um modelo entrelaçado, de múltiplas dominações. Quando as empresas se apropriam da natureza impedem o acesso das mulheres aos bens comuns do território que vivem. A violência e o racismo são instrumentos das empresas na conquista dos territórios e na exploração do trabalho.

■ O feminismo anti-sistêmico enfrenta a lesbofobia e o racismo no cotidiano e nas práticas políticas para construir um projeto de sociedade baseado na justiça, na igualdade e na solidariedade. Essa é uma luta permanente e longa, e exige a compreensão de que para construir a igualdade e liberdade pra todas, temos que enfrentar as bases desse sistema capitalista, patriarcal e racista. Isso só é possível com a força dos povos organizados, dos povos em luta.

■ Quando dizemos NÃO ao projeto de dominação neoliberal, abrimos os caminhos para a construção das nossas propostas, baseadas nos princípios de harmonia com a natureza, solidariedade, coletividade, complementariedade e redistribuição.

■ A transformação que queremos tem como eixo a soberania e a auto-determinação dos povos, e a igualdade como princípio. A soberania alimentar e a agroecologia são estratégicas.



SEGUIMOSENLUTA.WORDPRESS.COM

NENHUM PASSO ATRÁS!
POVOS EM LUTA PELA NOSSA
INTEGRAÇÃO, AUTODETERMINAÇÃO
E SOBERANIA, CONTRA O LIVRE
COMÉRCIO E AS TRANSNACIONAIS!

JORNADA
CONTINENTAL
PELA DEMOCRACIA
E CONTRA O
NEOLIBERALISMO

04/11
2016



MULHERES ALERTAS:

CONTRA A HIPOCRISIA EMPRESARIAL

O mercado e suas empresas incorporam alguns aspectos do discurso feminista para vender mais produtos em nome do empoderamento individual de cada uma. Empresas como a Avon tentam passar uma maquiagem lilás em sua atuação: falam da saúde das mulheres ou de violência em campanhas de “responsabilidade social empresarial”, ao mesmo tempo que baseiam seus lucros na imposição de padrões de beleza e na exploração de milhões de mulheres que vendem seus produtos e não são consideradas trabalhadoras, ou seja, trabalham sem direitos garantidos.

A mesma tentativa de cooptação acontece entre empresas da alimentação e do agronegócio. Querem lançar suas linhas de orgânicos com a propaganda de que são alimentos saudáveis, mas impõem um processo violento que expulsa povos tradicionais, indígenas e camponeses de suas terras ou os pressionam para que sejam incorporados nos esquemas de produção das grandes empresas que controlam a alimentação.

Elaine Campos

OS MECANISMOS DE ACUMULAÇÃO CAPITALISTA

O capitalismo se reestrutura permanentemente usando os mesmos mecanismos violentos de acumulação que estavam em sua origem: a apropriação das terras e da natureza, a exploração do trabalho, o controle sobre o corpo das mulheres; a violência e o poder militar. O racismo, que marcou o colonialismo, ainda é estrutural nas nossas sociedades.

É essa a lógica de expansão do mercado para todas as dimensões da nossa vida. Quando falamos sobre o mercado, não estamos falando de algo abstrato. Os principais atores do mercado capitalista hoje são as empresas transnacionais. Seus representantes políticos estão nos Estados e nas Nações Unidas (ONU).

O mercado financeiro cria bolhas de especulação e mascara que a riqueza é produzida pelo trabalho, e que mesmo as tecnologias mais avançadas impactam os territórios de onde extraem os minérios para sua produção.

As empresas organizam a produção e toda a cadeia de valor de forma distribuída pelo mundo e querem estar onde o trabalho tem menos custo. Sabemos que o trabalho só pode ter menos custo se as pessoas que trabalham não tem direitos garantidos, enfrentam uma longa jornada de trabalho e recebem salários baixos. Essa já é a realidade de grande parte das mulheres, da população negra e imigrante, inclusive nos países do norte.

As transnacionais contam com a impunidade: violam os direitos humanos, contaminam a natureza e os nossos corpos, e seguem impunes.



Cristina Barenho

Elas mudam de nome e mudam de marca, e deslocam o lugar de sua produção, conforme seja melhor para seus lucros.

AS TRANSNACIONAIS CONTAMINAM NOSSOS CORPOS E TERRITÓRIOS

As empresas transnacionais concentram cada vez mais riqueza e poder, e espalham destruição da natureza, violência e expulsão dos povos do lugar onde sempre viveram. Grandes grupos econômicos controlam as cadeias de valor, desde a extração de matérias-primas, até produção e a distribuição de mercadorias e serviços.

A recente compra da Monsanto pela Bayer é uma expressão das estratégias das empresas de atuar em cada vez mais setores, ampliando seu controle sobre os processos da vida.

As transnacionais do agronegócio, que produzem venenos e contaminam nossos corpos

diretamente pela pulverização, por meio dos transgênicos e dos alimentos envenenados, também produzem os remédios para as doenças que elas mesmas causam! As transnacionais que dominam a indústria mundial da alimentação, controlam desde as sementes até a comercialização dos alimentos processados.

O agronegócio também se aproveita da divisão sexual do trabalho. Nos monocultivos de banana no Brasil, as empresas contratam mulheres por salários 30% mais baixos do que os homens, com a tarefa de introduzir agrotóxicos na plantação utilizando seringas. Se aproveitam da ideia de que as mulheres são mais habilidosas e as expõem ao Furadan (Carbofuran), substância que já foi banida em países da União Europeia e no Canadá.

A mesma lógica de contaminação acompanha a mineração, contra a qual mulheres e homens estão lutando em todo o continente. O uso de componentes químicos e explosivos para a extração mineral tem causado sérios problemas de saúde nas comunidades.

A mineração disputa com as comunidades o uso da água, altera o curso de rios e contamina a água de forma que, em muitos rios não há mais vida possível. Já a pulverização dos agrotóxicos afronta a auto-determinação das comunidades que produzem com práticas agroecológicas, e tem que conviver com monocultivos próximos. Por isso em nossa luta articulamos as práticas concretas com a luta política pela transformação integral deste modelo.

O MUNDO NÃO É UMA MERCADORIA! AS MULHERES TAMBÉM NÃO!

Não queremos viver nossa vida mediada pelo mercado e seguindo suas regras porque não somos mercadorias.

O controle do corpo e da sexualidade das mulheres é um dos pilares de sustentação do patriarcado.

As imposições racistas e patriarcais sobre nossos corpos, aparência e comportamento nos torna as mulheres sempre incompletas, inseguras. É como se nosso corpo precisasse ser corrigido e melhorado para se adequar às exigências da sociedade machista em geral, e dos homens em particular.

As farmácias vendem livremente medicamentos de laboratórios transnacionais que prometem alívio imediato para as dores físicas e psicológicas, desde dores de cabeça, musculares, até a ansiedade, a depressão, além dos remédios pra emagrecer. Mas enquanto os remédios são vendidos como soluções mágicas, as causas do mal estar ficam sem questionamento. As mulheres seguem submetidas a um cotidiano de ritmos intensos de trabalho pago e não pago, com julgamentos e desqualificações permanentes. As transnacionais de cosméticos e as farmacêuticas lucram com o mal estar das mulheres. Juntas, a biomedicina, as transnacionais, o machismo e o poder médico vendem ilusões de bem-estar e felicidade enquanto invadem o corpo das mulheres e negam sua autonomia.

LIBERDADE PARA AS EMPRESAS MAIS DESIGUALDADE PARA OS POVOS

O chamado “livre comércio” não é uma novidade, e também nada tem de livre. Os tratados de livre comércio (TLC's) são instrumentos que estabelecem regras muito rígidas para que as empresas transnacionais ampliem seu poder sobre nossas vidas, o controle sobre as políticas dos Estados e a exploração da força de trabalho.

Com os TLC's, as empresas querem se apropriar cada vez mais do conhecimento produzido historicamente pelos povos. Querem patentear a vida, as sementes, o conhecimento, e querem ter o monopólio e o controle destas patentes por mais tempo. Essa lógica perversa da propriedade intelectual impede a autonomia dos camponeses e tem um impacto muito grande nas políticas de saúde dos países.

Os acordos de livre comércio que estão sendo negociados hoje avançam ainda mais nesta estratégia.

Eles estão sendo negociados em segredo, nem sequer os parlamentares dos países envolvidos tem acesso a seus conteúdos. São exemplos o acordo

A pilula anticoncepcional é receita para quase todas as mulheres e meninas, cada vez mais novas. A propaganda da pilula e outros métodos hormonais, como os implantes, não tem como foco sua função contraceptiva: dizem que é bom pra pele, que acaba com as cólicas, que “regula o humor”. São vendidos como medicamentos seguros, mas, na verdade, aumentam os riscos de doenças, como demonstram as inúmeras denúncias de mulheres que tiveram casos de trombose. O uso de anticoncepcionais hormonais desresponsabilizam os homens. Já a camisinha, além de ser mais eficaz para prevenir a gravidez indesejada, é o único método que protege das DST's.

Transpacífico (TPP), o Transatlântico (TTIP), e o acordo sobre comércio de serviços (TISA). Eles pretendem reunir parte significativa da economia global, estabelecendo os parâmetros para o conjunto dos países.

Estes acordos propõem novos mecanismos, como as chamadas convergências de normas e regras. Essas convergências fazem com que o que for negociado em um acordo seja equivalente ao que estiver estabelecido em outros acordos mega regionais. Este é um processo extremamente anti-democrático e que tem como objetivo tornar estas regras irreversíveis.

O avanço dos TLC's desmonta a estratégia de autonomia da América Latina frente aos Estados Unidos.

O atual governo golpista do Brasil e o governo neoliberal da Argentina rapidamente mudaram a orientação da política externa, enfraquecendo os processos de integração regional e acelerando a retomada de negociações de acordos, como entre Mercosul e União Européia.

Esses acordos são muito mais do que simples regulações do comércio entre países, são estratégias de dominação.

O TISA, por exemplo, ataca frontalmente os serviços públicos. Este acordo quer expandir ainda mais as fronteiras do capital sobre os direitos básicos e serviços públicos, como a saúde, a

educação e a comunicação. No Brasil do golpe, este também é o objetivo das propostas de ampliação das privatizações e terceirizações. Com a proposta de emenda constitucional (PEC 241), o governo quer parar de investir na saúde e na educação – limitando, por até 20 anos a realização de concursos públicos e cortando despesas nestes setores.

LUTAR NÃO É CRIME! CONTRA A VIOLÊNCIA E A MILITARIZAÇÃO

A expansão do capital sempre vem junto com a violência. Há cada vez mais investimento em tecnologias de vigilância, controle e repressão. Vemos um aumento do poder militar e do controle dos territórios. Essa violência tem um caráter profundamente racista e machista, e promove o controle por meio da violência sexual e do assassinato de indígenas, da juventude negra e de lutadores/as sociais.

Em todos os lugares que mulheres e homens resistem ao avanço do capital, a resposta é mais violência, repressão e criminalização.

Pela mão dos poderes judiciários caminham processos que reproduzem a justiça seletiva, protegendo os ricos e criminalizando os pobres. Crescem, a cada dia, as prisões políticas, especialmente de lideranças sociais camponesas que lutam por terra. Aumentam as perseguições, ameaças e intimidações para bloquear a resistência nos territórios. Seguimos em solidariedade com lutadoras, como Máxima Acuña e Damiana. Elas expressam a luta e a resistência de todas as mulheres e povos indígenas que enfrentam o poder e a impunidade das transnacionais.

EXIGIMOS JUSTIÇA PARA BERTA CÁCERES

Quiseram calar Berta e, de fato, a assassinaram. Mas eles não sabem e talvez nunca entendam que Berta seguirá lutando com e por seu povo em Honduras para recuperar a democracia, e conquistar justiça e igualdade; com as mulheres, com os e as indígenas pelos seus meios de vida e contra o roubo de suas terras. Com todas nós para mudar o mundo e mudar a vida das mulheres!

PRIVACIDADE PARA AS PESSOAS, TRANSPARÊNCIA PARA AS EMPRESAS

As empresas controlam quase tudo que compartilhamos na internet. No Brasil, as empresas de telecomunicação Vivo, TIM e NET querem limitar os pacotes de dados obrigando a população a pagar mais por menos serviços. Google e Facebook lucram com as nossas redes de relações pessoais. Essas empresas armazenam nossos dados e usam tudo o que compartilhamos publicamente – ou mesmo por e-mail e Whatsapp – para promover anúncios direcionados e até mesmo incentivar nossos comportamentos.

Defendemos que as tecnologias e o conhecimento sejam livres, e que nossa privacidade seja garantida!



FEMINISMO NA JORNADA CONTINENTAL PELA DEMOCRACIA E CONTRA O NEOLIBERALISMO

As mulheres estão mobilizadas em todo o continente. Existe uma nova geração política que aposta na horizontalidade, na ocupação dos espaços públicos, na irreverência e radicalidade. Estes princípios que sempre marcaram o feminismo, hoje são apresentados pela juventude e desafiam o conjunto da esquerda. As sínteses que podem ser construídas com ações e lutas comuns nos farão avançar como povos em luta.

O feminismo é diverso e plural. Somos muitas mulheres em luta no campo, nas cidades, nas universidades, nas águas e nas florestas. Neste momento em que enfrentamos o conservadorismo, nos colocamos o desafio de seguir juntas.

O capitalismo é extremamente violento quando vai dominar nossas subjetividades, nossos corpos, nosso trabalho e nossos territórios. Não nos contentamos com a incorporação de palavras dos nossos discursos pelo mercado, nem podemos correr o risco de fragmentar a nossa agenda frente as ameaças tão grandes que enfrentamos.

Não aceitamos que a nossa luta por liberdade e igualdade seja reduzida a visões e práticas liberais e individualistas, que não incomodam e nem questionam as bases materiais do patriarcado capitalista e racista.

Quando estamos juntas organizando as nossas resistências e dizemos NÃO ao neoliberalismo, temos a capacidade de construir o nosso projeto, de colocar em prática os princípios e propostas.

Conseguimos avançar nas práticas da agroecologia, afirmando que essa só é possível com o feminismo. Ampliamos nossas lutas e estratégias



pela soberania alimentar. Buscamos recuperar e valorizar as práticas e os conhecimentos das mulheres sobre as sementes e a biodiversidade.

A defesa dos comuns, por meio de práticas concretas que as mulheres levam adiante todos os dias, afronta diretamente a lógica da propriedade intelectual que marca a ação das transnacionais e os acordos de livre comércio.

A experiência das mulheres na agroecologia nos ensina que precisamos ser radicais em nossas lutas, e que nosso horizonte precisa ser a transformação integral do modelo de produção, reprodução e consumo.

Defendemos a democracia e lutamos para que ela seja muito mais que uma formalidade. A democracia que queremos só é possível com soberania, igualdade e auto-determinação.

Na construção da Jornada Continental pela Democracia e contra o Neoliberalismo, estamos mais uma vez juntas com os movimentos sociais para fortalecer nossas resistências. Esta Jornada não marca um início ou um novo processo, mas é um reimpulso para nossas lutas articuladas.

Queremos construir grandes mobilizações em todo o continente no dia 4 de novembro. Mas queremos ir além. O que nos move nesse processo é seguir juntas e juntos a partir do que nos une: a ação concreta de enfrentamento ao capitalismo racista, patriarcal e colonialista.

Esse é um chamado a que todos os coletivos e movimentos que estão em luta pela democracia e contra o neoliberalismo se somem a essa luta e à mobilização.

A solidariedade e o internacionalismo são nossos princípios de unidade, assim como a certeza da necessidade de uma transformação sistêmica que acabe com o capitalismo, o patriarcado, o colonialismo e o racismo.

**NENHUM PASSO ATRÁS!
POVOS EM LUTA POR NOSSA
INTEGRAÇÃO, AUTODETERMINAÇÃO
E SOBERANIA, CONTRA O LIVRE
COMÉRCIO E AS TRANSNACIONAIS!**